

A Luta de Naxalbari: A Insurgência Naxalita

The Naxalbari Struggle: The Naxalite Insurgency

César Alexandre da Silva Aprile*

Daniel Victor Carvalho Santana**

Resumo: Este artigo tem como objetivo expor e analisar a insurgência maoista do campesinato indiano que teve origem na região de Bengala, especificamente em Naxalbari. Nessa área, ocorreu uma insurgência conhecida como Naxalita, liderada por Charu Mazumdar, que reorganizou o movimento comunista em toda a Índia. Essa reestruturação teve como objetivo mobilizar as massas indianas na luta contra o que é considerado “revisionismo” do marxismo, contra o imperialismo internacional e o Estado da Índia. A região onde está localizado Naxalbari desempenhou um papel fundamental nesse contexto, com uma intensa mobilização camponesa indiana em busca de justiça social e superação do capitalismo. O movimento Naxalita, rejeitando abordagens reformistas, defendeu uma revolução armada para libertar o campesinato e as classes oprimidas da exploração. No entanto, o movimento enfrentou uma forte resistência do Estado indiano, resultando em confrontos violentos e repressão sistemática. Apesar dos desafios enfrentados, o movimento Naxalita estabeleceu uma base ideológica e organizacional sólida, deixando um legado duradouro no cenário político e social da Índia.

Palavra-Chave: Naxalita. Índia. Naxalbari.

Abstract: This article aims to develop and analyze the struggle of the Indian peasantry in the Bengal region, specifically in Naxalbari. In this area, an insurgency known as the Naxalite movement occurred, led by Charu Mazumdar, which reorganized the communist movement throughout India. This restructuring aimed to mobilize the Indian masses in the fight against revisionism, international imperialism, and the bourgeois reactionary state of India. The region where Naxalbari is located played a fundamental role in this context, with an intense Indian peasant mobilization in search of social justice and equality. The Naxalite movement, rejecting reformist approaches, advocated for a radical revolution to free the peasantry and oppressed classes from exploitation.

However, the movement faced strong repression from the Indian state, resulting in violent clashes and systematic repression. Despite the challenges faced, the Naxalite movement established a solid ideological and organizational foundation, leaving a lasting legacy in India's political and social landscape.

Keyword: Naxalite. India. Naxalbari.

Introdução:

O povo indiano, afligido pela fome e pela miséria, carregou ao longo de sua história o fardo da opressão, tornando-se vítima de mãos cruéis, como as dos opressores britânicos, que perpetraram incontáveis crimes contra a população indiana. Infelizmente, mesmo após a tão almejada independência da Índia, pouco desse cenário se alterou, uma vez que o país continuou a ser governado por aqueles que deram continuidade às dinâmicas sociais, políticas e econômicas que geram esses diversos problemas e adversidades.

Nesse contexto, destaca-se a questão agrária, cuja faísca da luta pela revolução agrária teve início no modesto vilarejo indiano de Naxalbari, no ano de 1967. Ao longo dos anos, essa luta se espalhou por todo o território indiano, ganhando força através da insurgência naxalita, um movimento revolucionário que emergiu para desafiar as estruturas de poder existentes.

Sob a liderança de Charu Mazumdar, os naxalitas empreenderam uma batalha contra as contradições internas da Índia, que há muito tempo vinham se agravando. Eles convocaram o povo indiano a travar uma luta pela revolução da nova democracia, utilizando a tática da guerra popular prolongada.

Essa insurgência naxalita, longe de ser apenas uma rebelião comum, representou uma resposta contundente e radical às injustiças e desigualdades que afligiam as massas indianas oprimidas. Foi um clamor veemente por liberdade, justiça social e emancipação da exploração capitalista. No entanto, enfrentou uma verdadeira guerra contra o Estado indiano, resultando em violentos confrontos e uma sistemática repressão que atingiu não apenas os insurgentes, mas também as massas camponesas.

Desenvolvimento

A Índia é uma nação que ainda hoje acumula muitas contradições. Ela preserva um sistema de castas tradicionais do hinduísmo, enfrenta diversos conflitos internos de ordem cultural e religiosa e tem uma enorme parcela de sua população vivendo abaixo da linha da pobreza, com pouco acesso a recursos modernos. No entanto, antes dessas contradições mais particulares da Índia, existem as contradições gerais.

A condição da Índia na divisão internacional do trabalho é a de uma nação importadora de commodities, dependente do mercado de importação de muitos bens de consumo, tecnologia e produtos industriais dos países do centro do capitalismo. Além disso, há a questão dos empréstimos. A economia indiana é essencialmente latifundiária, preservando no campo relações de organização social e de trabalho pré-capitalista, que foram fortemente impactadas pelos anos do colonialismo britânico. Os naxalitas definem essa condição como capitalismo burocrático, caracterizado por relações semifeudais e semicoloniais.

“A concentração da terra nas mãos de alguns latifundiários e kulaks, por um lado, e camponeses pobres e sem-terra da população rural, por outro, continua a caracterizar a cena rural. Como resultado, o número de trabalhadores agrícolas sem terra está aumentando aos trancos e barrancos. Devido à escassez de empregos, eles são obrigados a fazer trabalho desumano como servos dos latifundiários e proprietários de plantações. Devido à falta de empregos, a maioria deles é compelida a viver uma vida miserável, milhões de pessoas morrem ou doenças causadas pela fome e pela semi-inanição.

Outro aspecto terrível da exploração feudal na Índia é a exploração usurária que extrai enormes somas de juros do campesinato. Além dos usurários privados, vários bancos e companhias financeiras também exploram o campesinato. Assim, o endividamento rural vem crescendo aos trancos e barrancos.

...Com a ajuda de seus compradores indianos, os imperialistas estão preservando a Índia como mercado para suas mercadorias, fonte de exportação de capital barato, e estão saqueando a riqueza da Índia, sugando seu sangue e retardando seu desenvolvimento. Em poucas palavras, a economia indiana é uma economia semicolonial da forma neocolonial.”
(Strategy & Tactics of The Indian Revolution, Central Committee (P) CPI(Maoist), 2004)

A insurgência naxalita é um movimento revolucionário fundamentado no marxismo-leninismo anti-revisionista, orientado pelo Pensamento Mao Zedong. Atualmente, eles reivindicam também o marxismo-leninismo-maoísmo como a nova etapa universal de desenvolvimento do marxismo. Seguindo as teses de Mao Zedong, chegaram à conclusão de que, para resolver o problema geral da Índia, é necessário implementar uma reforma agrária, industrialização e modernização do país.

No entanto, a grande burguesia indiana se acostumou com as antigas condições coloniais e com as relações semifeudais no campo, e abandonou essas tarefas. Ela se conciliou e se aliou com as classes que perpetuam essas dinâmicas, consolidando assim o capitalismo burocrático. Portanto, devido à inviabilidade de realizar essas reformas por meio de movimentos políticos da burguesia, essa tarefa histórica passa para as mãos do movimento comunista.

O movimento comunista deve conduzir uma Revolução de Nova Democracia, que consiste em uma insurgência armada liderada pelo partido comunista, com a participação de outros partidos e movimentos democráticos nacionais que concordem com esses mesmos objetivos. Além disso, devem unir-se às camadas da pequena e média burguesia, conhecida como burguesia nacional, que possuem potencial revolucionário. Somente após esse estágio, essa revolução de nova democracia será transformada em uma revolução comunista propriamente dita.

A reforma agrária, que originalmente deveria ser uma política do estado burguês, passa a ser uma revolução agrária liderada pelo estado paralelo de nova democracia estabelecido nas regiões conquistadas pelos insurgentes armados. Da mesma forma, as políticas de industrialização e modernização desenvolvimentista para alcançar a soberania nacional são implementadas nesse processo insurgente armado, que é chamado de Guerra Popular Prolongada. Essa guerra é uma complexa tática militar revolucionária desenvolvida por Mao Zedong.

Esse caminho só foi possível porque os comunistas indianos conseguiram formar um novo e forte partido comunista diante da divisão sino-soviética, que ocorreu nos anos 60. Essa divisão se deu devido à revisão dos princípios do marxismo-leninismo e à desestalinização realizada por Nikita Khrushchev na direção da URSS, que foi resultado de processos golpistas entre 1953 e 1957. Muitos comunistas indianos

adotaram o caminho da linha anti-revisionista e da defesa do legado de Stalin, principalmente sob a liderança de Mao Zedong na China.

O principal responsável por adotar esse caminho na Índia foi Charu Mazumdar. Ele denunciou o revisionismo khrushchevista e de seus sucessores, reorganizou o movimento comunista na Índia com base no Pensamento Mao Zedong e criticou o social-imperialismo soviético como uma das principais forças imperialistas presentes na Índia:

Com a ajuda da burguesia nativa, a União Soviética também está tentando investir capital em nosso país. Na esfera do comércio e do mercado o nosso país tem vindo a desfrutar de instalações especiais. É por isso que os argumentos da facção dominante reacionária estão escorrendo da boca de seus porta-vozes em um fluxo contínuo e em uma velocidade ininterrupta. É por isso que, como colaborador da Grã-Bretanha e dos EUA, o Estado soviético também é nosso inimigo e não é de se abrigar embaixo de suas asas que o governo reacionário da Índia pesa como um cadáver sobre os ombros das massas. Mas, mesmo assim Naxalbari foi criado e centenas de "Naxalbaris" estão ardendo. Isso ocorre porque no solo da Índia, o campesinato revolucionário é herdeiro dos camponeses revolucionários heroicos de grande Telengana. A então liderança do Partido traiu a luta camponesa heróica de Telengana e o fez usando o nome de grande Stalin. (MAZUMDAR, 1972)

Convocando à necessidade de seguir os passos de Mao Zedong e iniciar a Guerra Popular Prolongada pela Revolução de Nova Democracia, ocorreu em 1967 o primeiro evento dessa insurgência, conhecido como a revolta dos camponeses de Naxalbari. Esse levante ficou famoso como a "Revolta de Naxalbari" ou "Guerrilha de Naxalbari", originando o termo popular "naxalitas" para se referir a esse movimento maoista. O campesinato indiano sempre lutou contra várias formas de opressão e injustiça, mas em Naxalbari foi diferente, pois não se tratava apenas de uma simples revolta em busca de demandas parciais, mas também da busca pelo controle do Estado:

Se o campesinato de Naxalbari tem alguma lição para nós, é esta: lutas militantes devem ser levadas a cabo não pelas terras ou pelo cultivo, mas pelo poder estatal. Isto é precisamente o que dá a luta de Naxalbari sua singularidade. Camponeses em diferentes áreas devem preparar-se de modo que sejam capazes de tornar ineficaz o aparato estatal em suas respectivas áreas. Foi em Naxalbari que tal caminho fora adotado pela primeira vez na história das lutas camponesas na Índia. Em outras palavras, a era

revolucionária fora anunciada, e aquele ano foi o primeiro desta era. E é por esta razão que os revolucionários de todos os países estão saudando calorosamente a luta de Naxalbari. (MAZUMDAR, 1968)

A Revolta do Campesinato em Naxalbari foi como uma faísca que iluminou o movimento comunista anti-revisionista inspirado no Pensamento Mao Zedong, não apenas na Índia, mas em todo o mundo. Essa revolta continua a ser um marco significativo para o atual movimento maoista, reafirmando sua relevância e influência:

“A Revolução Indiana, um dos principais processos de luta armada de camponeses e operários em curso no mundo hoje, dirigido pelo Partido Comunista da Índia (Maoísta) ainda é pouco conhecida pelo movimento comunista brasileiro. Como nos ensinou o camarada Mao, “uma faísca pode incendiar toda a pradaria”; e foi justamente esse o papel das revoltas camponesas de Naxalbari há 50 anos para iniciar o processo que nasceu da luta contra o revisionismo e da inspiração da Revolução Chinesa e o grande timoneiro Mao Tsé-tung. Aplicando o pensamento Mao Tsé-tung à realidade indiana e travando o justo combate contra a influência do revisionismo soviético no movimento comunista da Índia que travava a luta revolucionária no país, Charu Mazumdar escreveu para o debate interno do Partido o que entrou para a história como os “Oito documentos históricos”. Estes documentos sintetizam o processo de luta ideológica e avanço dos comunistas indianos.”(MAZUMDAR, p.13)

Tudo começou em 1967 em Naxalbari, Bengala Ocidental, onde milhares de camponeses sem terras e operários armados, liderados pela Fração Vermelha do Partido Comunista da Índia (marxista), um partido dissidente do Partido Comunista da Índia original fundado em 1924, insurgiram-se contra o Estado Indiano, a grande burguesia, os latifundiários e as forças revisionistas.

Charu Mazumdar e os comunistas alinhados com o Pensamento Mao Zedong estavam organizados no PCI (marxista) sob o nome de "fração vermelha", defendendo a adoção integral do Pensamento Mao Zedong. No entanto, a maior parte da direção do PCI (marxista) defendia apenas um anti-revisionismo ambíguo. Quando os debates sobre a adoção da Guerra Popular Prolongada contra o institucionalismo eleitoral se intensificaram no partido, ocorreu uma ruptura, resultando na saída dos dissidentes da Fração Vermelha. Eles formaram provisoriamente o Comitê de Coordenação dos Revolucionários Comunistas da Índia em 1967, responsável pela fundação do Partido

Comunista da Índia (Marxista-Leninista) em 1969, inspirado pelo Pensamento Mao Zedong:

“Como não poderia deixar de ser, mesmo após a fundação do PCI (Marxista) a luta de classes se fez presente no seio dessa organização, e é justamente em tal momento que os debates sobre a Guerra Popular Prolongada atingem o seu auge. Logo uma linha oportunista se manifesta no seio do PCI (Marxista), que escolhe o caminho eleitoral em detrimento do caminho da Guerra Popular Prolongada.”(MAZUMDAR, p.14)

Quando a Guerra Popular eclodiu em 1967, a Fração Vermelha estabeleceu uma Frente Única composta por movimentos e classes democráticas, incluindo o proletariado, trabalhadores de diversas áreas, campesinato e burguesia nacional. Embora a composição majoritária fosse de camponeses, a direção e o interesse prioritário eram do proletariado. Dessa forma, eles aplicaram o conceito de ditadura de Nova Democracia:

“Revolução de Nova Democracia é estabelecer o estado democrático popular derrubando a atual máquina estatal semicolonial e semifeudal por meio da luta armada. O estado democrático popular significa o estado da ditadura democrática de todas as forças anti-imperialistas e anti-feudais, com base na aliança operário-camponesa, sob a direção do proletariado, e é uma forma embrionária particular da ditadura do proletariado. O estado democrático popular garante todos os tipos de liberdade, direitos e democracia para as grandes massas trabalhadoras, e também tenta garantir a participação das grandes massas do povo no trabalho administrativo do dia-a-dia, adotando métodos apropriados, defende sempre os interesses do povo, ao mesmo tempo que exerce a ditadura sobre as forças reacionárias, os imperialistas, a grande burguesia compradora, os grandes latifundiários e todos os seus dependentes que constituem uma pequena minoria.” (Strategy & Tactics of The Indian Revolution, Central Committee (P) CPI(Maoist), 2004)

Devemos ressaltar que a proeminência da Índia no movimento maoista internacional não surgiu por acaso, mas sim devido à árdua experiência de exploração e opressão vivida pelo povo indiano. Isso tornou mais fácil para eles se desiludirem com o institucionalismo e o reformismo eleitoral propostos pelos comunistas heterodoxos/revisionistas. Em vez disso, eles optaram pela luta clandestina e pela violência revolucionária da ortodoxia/anti-revisionismo marxista-leninista, que foi

desenvolvida por Marx, Engels, Lenin e Stalin, e posteriormente reforçada por Mao Zedong diante do revisionismo moderno.

Um dos eventos mais dolorosos para o povo indiano foi a “Fome de 1943 em Bengala”, considerado um dos mais terríveis crimes contra a humanidade já registrados. Uma série de acontecimentos, como a invasão japonesa da Birmânia, a derrota britânica em Singapura (1942), desastres naturais e, principalmente, a má administração britânica, resultaram em uma série de fomes massivas na região de Bengala. Estima-se que entre 2,5 a 3 milhões de indianos tenham morrido devido à desnutrição e doenças.

Em um pedido urgente feito pelo Secretário Geral da Índia, Leo Amery, e por Wavell para liberar os estoques de alimentos da Índia, o então Primeiro-Ministro Britânico Winston Churchill respondeu de forma insensível, questionando por que Gandhi ainda não tinha morrido se os alimentos eram tão escassos. Em contraste, em 1947, a URSS, sob a direção de Stalin, enviou ajuda alimentar imediata para a Índia. Nos anos 50, circulou um suposto diálogo relatado por um diplomata indiano, no qual Stalin teria dito: “Os documentos podem esperar, a fome não”, referindo-se ao envio imediato de ajuda antes de tratar de questões burocráticas.

Esses eventos são apenas alguns exemplos que levaram o povo indiano a se organizar de forma radical contra a opressão. Um exemplo dessa organização ocorreu em 1956, quando o PCI (Partido Comunista da Índia) formou um grupo chamado "Grupo Siliguni". Esses militantes realizaram trabalho de base e iniciaram um processo de panfletagem no distrito de Darjeeling, localizado na região norte do estado de Bengala Ocidental.

A panfletagem incentivava o campesinato a enfrentar os latifundiários, e mais de uma década depois, os primeiros resultados começaram a surgir. Em 3 de março de 1967, um grupo de camponeses cercou um lote de terra em Naxalbari, marcando o território com bandeiras vermelhas e começando a colher a plantação. O PCI (marxista), que detinha cargos eleitorais na região, tentou acalmar o movimento, mas não obteve sucesso. Como resultado, a polícia recorreu à violência para reprimir os manifestantes, resultando na morte de um agente. Dois dias depois, como retaliação, a polícia do estado de Bengala Ocidental executou nove mulheres e duas crianças da região de Naxalbari.

Esse evento levou milhares de indianos, cansados da opressão causada pelo capitalismo burocrático, a aderirem à insurgência naxalita/maoista como uma esperança de mudança radical. A Guerra Popular Prolongada na Índia continua até os dias de hoje. Ao longo das décadas, o movimento passou por altos e baixos, com divisões devido a dissidências e falta de comunicação territorial.

Após o golpe de 1976 na China, que inaugurou o revisionismo chinês atual, o movimento maoista indiano continuou no caminho do anti-revisionismo, condenando o novo Estado chinês revisionista como capitalismo de Estado sob ditadura burocrática-burguesa, social fascista e social imperialista. Essa posição é esclarecida em seu documento mais recente intitulado “China—A New Social-Imperialist Power! It is Integral to the World Capitalist-Imperialist System!”, emitido pelo Comitê Central do Partido Comunista da Índia (Maoista) em janeiro de 2021.

Desde o movimento de 2004, o movimento maoista indiano segue majoritariamente unificado e bem organizado sob a direção do Partido Comunista da Índia (Maoista). Documentos históricos e recentes de diversos tipos podem ser encontrados em inglês no site bannedthought.net, incluindo sua última análise sobre a situação interna da Índia intitulada “Changes in Relations of Production in India - Our Political Program”, emitido pelo Comitê Central do Partido Comunista da Índia (Maoista) em janeiro de 2021.

Em 2011, a escritora e ativista Arundhati Roy visitou as áreas controladas pelos naxalitas e escreveu uma obra com base em seus estudos e relatos, mostrando como o movimento maoista é a única força capaz de garantir dignidade para as massas indianas que ainda vivem na miséria, encontrando assistência social e direitos democráticos somente quando suas vilas são conquistadas pelos insurgentes por meio da aplicação da Nova Democracia:

Neste momento, na Índia central, o exército guerrilheiro dos maoístas é composto quase inteiramente de pessoas tribais desesperadamente pobres vivendo em condições de fome crônica que beiram a fome do tipo que associamos apenas à África subsaariana. São pessoas que, mesmo depois de sessenta anos da chamada Independência da Índia, não tiveram acesso à educação, saúde ou reparação legal. São pessoas que foram exploradas impiedosamente por décadas, constantemente enganadas por pequenos empresários e agiotas, as mulheres estupradas por direito da polícia e funcionários do departamento florestal.

Sua jornada de volta a uma aparência de dignidade se deve em grande parte aos quadros maoístas que viveram, trabalharam e lutaram ao seu lado por décadas.

Se os tribais pegaram em armas, eles o fizeram porque um governo que não lhes deu nada além de violência e negligência agora quer arrebatá-los a última coisa que eles têm - suas terras. (Walking with the Comrades, Arundhati Roy, 2011)

A autora, apesar de demonstrar simpatia pelo movimento, não se identifica como comunista ou socialista revolucionária. Ao longo de seu relato, ela faz diversas críticas ao movimento dentro de uma perspectiva democrática liberal. No entanto, ela reconhece que a luta dos naxalitas nasce de uma necessidade real e afirma que não existe alternativa viável para resolver os problemas enfrentados pelas massas indianas.

Embora a autora possa ter reservas em relação a certos aspectos do movimento maoista, ela reconhece a legitimidade de sua luta diante das condições de opressão e exploração vivenciadas pelo povo indiano:

“E os maoístas são os únicos que acreditam numa guerra prolongada? Quase a partir do momento em que a Índia se tornou uma nação soberana, ela se transformou em uma potência colonial, anexando territórios e guerreando. Nunca hesitou em usar intervenções militares para resolver problemas políticos – Caxemira, Hyderabad, Goa, Nagaland, Manipur, Telangana, Assam, Punjab, o levante naxalita em Bengala Ocidental, Bihar, Andhra Pradesh e agora nas áreas tribais da Índia central. Dezenas de milhares foram mortos impunemente, centenas de milhares foram torturados. Tudo isso por trás da máscara benigna da democracia.

Contra quem essas guerras foram travadas? Muçulmanos, cristãos, sikhs, comunistas, tribais e, principalmente, contra os pobres, em sua maioria dalits, que ousam questionar sua sorte em vez de aceitar as migalhas que lhes são lançadas. É difícil não ver o Estado indiano como um Estado hindu essencialmente de casta superior (independentemente de qual partido esteja no poder) que nutre uma hostilidade reflexiva em relação ao 'outro'. Um que na verdadeira moda colonial envia os Nagas e Mizos para lutar em Chhattisgarh, Sikhs para Kashmir, Kashmiris para Orissa, Tamilians para Assam e assim por diante. Se isso não é uma guerra prolongada, o que é?”(Walking with the Comrades, Arundhati Roy, 2011)

Os governos de Nova Democracia na Índia são compostos por agrupamentos de 500 a 5000 habitantes, cada um deles possuindo um Comitê Popular que elege

representantes para nove departamentos distintos. Esses departamentos abrangem áreas como agricultura, comércio e indústria, economia, justiça, defesa, saúde, relações públicas, educação e cultura, e florestal.

Os representantes eleitos podem ser dispensados mediante petição popular, e novos representantes são eleitos em seu lugar. Além disso, os representantes retornam aos comitês populares para discutir medidas e campanhas com a população local, garantindo assim a aplicação da linha de massas, um princípio do maoísmo.

É exigida a participação obrigatória de toda a população em atividades de trabalho, educação e culturais. Isso contribui para a transformação da mentalidade tribalista e conservadora dessas populações, promovendo uma mentalidade mais moderna, democrática e revolucionária. Entre as atividades culturais mais populares estão as apresentações teatrais e musicais. Embora essas apresentações carreguem significados ideológicos inspirados na revolução cultural da China, o clima geral é de entretenimento e não apenas de educação ideológica:

“Milhares de pessoas. É para isso que eles vieram. Para isso. A felicidade é levada muito a sério aqui, na floresta Dandakaranya. As pessoas caminharão quilômetros, durante dias juntos para festejar e cantar, para colocar penas em seus turbantes e flores em seus cabelos, para se abraçarem e beberem mahua e dançarem a noite toda. Ninguém canta ou dança sozinho. Isso, mais do que qualquer outra coisa, sinaliza seu desafio a uma civilização que busca aniquilá-los.” (Walking with the Comrades, Arundhati Roy, 2011)

Além disso, há uma militarização da população, na qual uma parcela capacitada é integrada ao Exército de Guerrilha Libertação Popular. Alguns pequenos e médios burgueses da região colaboram com o movimento, pagando tributos e participando de algumas atividades. Além disso, outros movimentos democráticos também se aliam às forças maoístas. A Índia abriga diversos movimentos desse tipo, que enfrentam problemas semelhantes e a brutal repressão do Estado.

Entre as primeiras medidas implementadas pelo governo de Nova Democracia está a redistribuição da terra, a reorganização das relações de trabalho e a modernização das infraestruturas, dentro do possível. Também ocorre a abolição do sistema de castas e outras tradições retrógradas, embora isso demande tempo para ser plenamente realizado. A questão da igualdade feminina é um ponto muito atrativo para as mulheres se unirem ao exército popular, que é composto por cerca de 45% de mulheres. Arundhati descreve

alguns relatos das práticas degradantes às quais as mulheres eram submetidas e as brutais violências que sofreram pelas autoridades do Estado. Atualmente, as mulheres assumem posições de autoridade e são vistas como inspirações de igualdade.

Os naxalitas enfrentam constantes propagandas que os acusam de manter as áreas controladas em condições primitivas e degradantes para o controle ideológico. No entanto, estudos oficiais de órgãos do governo mostram o contrário. Esses estudos refutam as acusações e evidenciam que o movimento maoísta promove melhorias nas áreas sob seu controle:

“Em seu capítulo censurado no relatório do Ministério de Panchayati Raj, Ajay Dandekar e Chitragada Choudhury (não fãs dos maoístas – eles chamam a ideologia do partido de 'brutal e cínica') escrevem:

Assim, os maoístas hoje têm um efeito duplo no terreno nas áreas PESA. Em virtude da arma que empunham, eles são capazes de evocar algum medo na administração ao nível da aldeia/quarteirão/distrito. Eles conseqüentemente evitam a impotência do aldeão comum sobre a negligência ou violação de leis de proteção como a PESA, por exemplo, alertar um talathi, que pode estar exigindo subornos em troca do cumprimento do dever que lhe é conferido pela Lei dos Direitos Florestais, um comerciante que pode estar pagando uma taxa de exploração taxa para produtos florestais, ou um empreiteiro que esteja infringindo o salário mínimo. O partido também fez um imenso trabalho de desenvolvimento rural, como a mobilização de mão-de-obra comunitária para lagoas agrícolas, coleta de água da chuva e trabalhos de conservação de terras na região de Dandakaranya, que os moradores testemunharam, melhoraram suas colheitas e melhoraram sua situação de segurança

Em sua análise empírica recentemente publicada sobre o funcionamento do Esquema Nacional de Garantia de Emprego Rural (NREGA) em 200 distritos maoístas afetados em Orissa, Chhattisgarh e Jharkhand, que apareceu em Economic and Political Weekly, dos autores Kaustav Banerjee e Partha Saha diz:

A pesquisa de campo revelou que a acusação de que os maoístas têm bloqueado os esquemas de desenvolvimento não parece ter muito fundamento. Na verdade, Bastar parece estar indo muito melhor em termos de NREGA do que algumas outras áreas.... Além disso, a aplicação do salário mínimo remonta às lutas salariais lideradas pelos maoístas nessa área.”(Walking with the Comrades, Arundhati Roy, 2011)

A partir das áreas conquistadas, a Guerra Popular realiza novas atividades militares. Os empreendimentos locais, como mineradoras e outras empresas de exploração predatória da natureza, passam a ser constantemente atacados pelos combatentes maoístas. Isso também resulta em um aumento do reflorestamento nas áreas conquistadas. Alguns trabalhadores urbanos que são alocados nessas indústrias de extração em regiões agrárias acabam conhecendo o movimento e se voluntariam para o exército, assim como os tribais locais que sofrem grandes assédios e prejuízos em suas terras devido à atuação dessas empresas.

O exército também realiza ataques estratégicos a latifundiários, estruturas do governo central, bases e patrulhas policiais e militares. Além das forças regulares de repressão, também existem diversas organizações paramilitares compostas de diferentes formas pelo Estado. Essas organizações se aproveitam da escassez de trabalho, forçando a integração das populações locais ou simplesmente armando movimentos reacionários ao estilo nazifascista antigo. Essas forças repressoras constantemente assediam as comunidades locais, utilizando diferenças étnicas, religiosas e de casta da população. O livro relata de forma contundente o brutal terror imposto pelas forças repressoras ao longo de toda a obra:

“O Salwa Judum foi anunciado em uma reunião de Mukhiyas da aldeia em uma aldeia chamada Ambeli em junho de 2005. Entre junho e dezembro de 2005, queimou, matou, estuprou e saqueou centenas de aldeias no sul de Dantewada. O centro de suas operações eram os blocos de Bijapur e Bhairamgarh perto de Bailadila, onde a nova planta da Essar Steel foi proposta. Não por acaso, esses também eram redutos maoístas, onde os Janatana Sarkars haviam feito muito trabalho, especialmente na construção de estruturas de captação de água. Os Janatana Sarkars se tornaram o alvo especial dos ataques de Salwa Judum. Centenas de pessoas foram mortas das formas mais brutais.” (Walking with the Comrades, Arundhati Roy, 2011)

As operações de repressão do Estado, justificadas como combate ao terrorismo naxalita, acabam servindo também como uma forma de “polícia privada” para favorecer a repressão das populações locais em prol da expropriação e destruição de suas terras por grandes latifundiários e empreendimentos de exploração da natureza.

Essa situação revela uma dinâmica na qual o Estado, sob o pretexto de combater o movimento naxalita, utiliza suas forças repressoras para proteger os interesses econômicos de elites poderosas em detrimento das comunidades locais. A

repressão é utilizada como uma ferramenta para subjugar e silenciar qualquer forma de resistência ou oposição à exploração dessas terras pelos latifundiários e empresas predatórias:

“O único favor que a Operação Green Hunt fez às pessoas comuns é que ela esclareceu as coisas para elas. Até as crianças das aldeias sabem que a polícia trabalha para as 'empresas' e que a Operação Green Hunt não é uma guerra contra os maoístas. É uma guerra contra os pobres.

Não há nada pequeno sobre o que está acontecendo. Estamos assistindo a uma democracia se voltando contra si mesma, tentando comer seus próprios membros. Estamos assistindo incrédulos enquanto esses membros se recusam a ser comidos.” (Walking with the Comrades, Arundhati Roy, 2011)

Mesmo diante desses fatos, muitas pessoas acabam por rejeitar o caminho naxalita em favor do princípio da não-violência, argumentando que a luta naxalita não é saudável, uma vez que depende de mais violência para se sustentar. Essa violência pode ser assustadora aos olhos de uma civilização que preza pela paz. Os naxalitas, por sua vez, defendem a necessidade da luta violenta não apenas para resistir, mas também para tomar o poder de seus inimigos:

“E, no entanto, apesar dessas terríveis contradições, Charu Mazumdar, em muito do que escreveu e disse, era um homem com uma visão política para a Índia que não pode ser descartada levemente. O partido que ele fundou (e seus muitos grupos dissidentes) manteve o sonho da revolução real e presente na Índia. Imagine uma sociedade sem esse sonho. Só por isso não podemos julgá-lo com muita severidade. Especialmente enquanto nos envolvemos com a farsa piedosa de Gandhi sobre a superioridade do 'caminho não violento' e sua noção de Tutela: 'O homem rico ficará de posse de sua riqueza, da qual usará o que razoavelmente requer para suas necessidades pessoais e atuará como fiduciário para que o restante seja usado para o bem da sociedade.’” (Walking with the Comrades, Arundhati Roy, 2011)

Mesmo diante desta árdua Guerra Popular, que já dura quase 60 anos, sofrendo uma brutal repressão e sendo constantemente alvo de propaganda midiática acusando-os dos mais terríveis crimes, as populações das áreas controladas persistem em resistir e progredir. Os maoístas continuam a arriscar suas vidas realizando trabalhos clandestinos de propaganda e agitação nas áreas urbanas, buscando atrair mais pessoas para essa guerra. A autora oferece uma explicação simples para esse fenômeno, baseada em sua própria experiência:

“O que os mantém em movimento, apesar de tudo o que passaram? Sua fé e esperança - e amor - pelo Partido. Eu o encontro repetidamente, das maneiras mais profundas e pessoais.” (Walking with the Comrades, Arundhati Roy, 2011)

No auge ofensivo da Guerra Popular Prolongada (GPP), chegaram a controlar mais de duas mil localidades em toda a Índia, com um grande número de habitantes e combatentes armados, incluindo grandes cidades do país. No entanto, desde o final dos anos 2000, as forças naxalitas vêm recuando para consolidar seu poder em regiões menores e em menos localidades, visando garantir a defesa contra o avanço das forças policiais e militares ocorrido nos últimos anos. Esse recuo também foi tentado por meio de negociações de paz temporárias, mas essas negociações frequentemente resultavam em emboscadas para executar dirigentes maoistas. Apesar desse recuo, há pouca divulgação midiática e alegações do Estado de que seu inimigo principal está quase derrotado. O futuro do movimento é incerto, pois as guerras populares ainda continuam nas Filipinas, Turquia, estão em reconstrução no Peru e Nepal, além de outras fontes potenciais que podem dar origem a novas guerras populares sob a orientação das forças do recém-reorganizado movimento maoista internacional, no qual o PCI(Maoista) desempenha um papel de grande participação e influência.

Conclusão:

O movimento naxalita/maoista na Índia demonstra uma resistência persistente diante da opressão e das desigualdades sociais. Ao longo de décadas, os naxalitas têm buscado a transformação radical da sociedade, promovendo a Nova Democracia, combatendo a exploração e defendendo a igualdade de gênero.

Apesar das adversidades enfrentadas, como a repressão estatal e a propaganda contrária, as populações das áreas controladas continuam resistindo e avançando, demonstrando a determinação do movimento em sua luta por justiça e igualdade. O futuro do movimento naxalita/maoista permanece incerto, mas sua influência e impacto são evidentes, tanto no contexto interno da Índia quanto nas guerras populares em outros países, reforçando a importância do maoísmo como uma ideologia e estratégia de resistência.

*Pós-Graduado em Psicopedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul. Licenciatura em História pela Universidade Cidade de São Paulo.

**Licenciatura em História pela Universidade Cidade de São Paulo.

Referências:

OLVIEIRA, Carlos. **Índia: Exército Popular completa 22 anos e PCI (Maoista) convoca celebração por todo país.** A Nova Democracia, 2023. Disponível em: <https://anovademocracia.com.br/india-exercito-popular-completa-22-anos-e-pci-maoista-convoca-celebracao-por-todo-pais/> Acesso em: 23 de Junho de 2023.

“Indian diplomat, P. Ratnam disclosed the above conversation to a group of journalists at the Indian Embassy in Moscow in 1950”, Mazdoor Bigul archive, Dezembro, 2005

MAZUMDAR, Charu; **Sobre a Guerra Popular na Índia.** 2a Edição. 2018.

_____, Charu. **Um ano da luta de Naxalbari.** Liberation, junho de 1968.

_____, Charu. **Vida Longa aos Camponeses Heroicos em Naxalbari!** Liberation, janeiro de 1972.

ROY, Arundhati. **Walking with the Comrades.** Penguin Books, 25 de outubro de 2011.